

## “AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN” COMO ROMANCE PICAESCO (1)

CHARLES R. METZGER

E' mais do que sabido que Mark Twain conhecia a tradição do romance picaresco. Ele, de fato, mencionou, em uma carta a seu amigo William Dean Howells, a possibilidade de criar um protagonista semelhante a Gil Blas de Santillana. Apesar disso, ao que eu saiba, jamais qualquer crítico se dispôs a analisar as interessantes, se bem que óbvias, correlações entre as “Aventuras de Huckleberry Finn” e a tradição picaresca. E' isso que pretendemos realizar no presente trabalho.

Comecemos por definir os t ermos **picaresco** e **pícaro**, pois são relativamente desconhecidos e relativamente importantes. Quase todos têm idéia do que é um ensaio, ou um poema lírico; mas muito poucos (a não ser os especialistas na matéria) sabem o que seja a tradi o picaresca, ou o que é o t rmo pícaro. No entanto, na literatura mundial, há bastantes exemplos dêste g nero literário. Existem versões japonesas do pícaro (cf. “Os Sete Samurais”). Romancistas modernos norte-americanos, tão diferentes quanto Saul Bellow e Jack Kerouack, têm escrito (e prov velmente estarão escrevendo neste momento) romances picarescos.

---

(1). — O A. dêste trabalho, Charles R. Metzger é professor catedrático de Literatura Norte-Americana na University of Southern California em Los Angeles, Estados Unidos da América do Norte. Durante o ano letivo de 1960, foi Professor Fulbright de literatura norte-americana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em setembro, do mesmo ano e a convite do Departamento de Anglo-Germânicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Maril a, visitou nossa Faculdade, onde proferiu uma conferência intitulada, “As Aventuras de Huckleberry Finn, como Romance Picaresco” que ora traduzimos do original inglês, em uma singela homenagem de agradecimento.

O Professor Charles R. Metzger é autor de diversos trabalhos no seu ramo entre os quais se destacam: Emerson and Greenough, “Steinbeck’s Version of the Pastoral”, e “Effitio and Notatio: Hawthorne’s Technique of Characterization”. (Nota de Alex Severino).

A tradição picaresca, como acabei de insinuar, recebeu seu nome, e sem dúvida seu significado, do seu principal protagonista — o próprio pícaro. Traduzido o termo para o inglês, verificamos que êle significa: patife, maroto, tratante, cômico, mandrião, nômade, pois o pícaro é quase sempre itinerante. Pícaros famosos na literatura ocidental incluem personagens como: Lazarillo de Tormes, Gil Blas, Gusman de Alfarache, Til Eulenspiegel. Don Quixote, Don Giovanni, Child Harold, Tom Jones e Huck Finn apresentam todos êles variações do gênero picaresco.

De certa forma o pícaro é mais propriamente um anti-herói do que um herói; compreendê-lo-emos melhor, segundo êsse ponto de vista, confrontando-o com o herói da novela medieval de cavalaria (ou com o herói da novela folclórica). A principal personagem da novela medieval de cavalaria é o herói, tal como Lancelot du Lac, que viaja consideravelmente, vive numerosas aventuras, e prova, por fim, ter sido uma personagem digna de admiração. O herói da novela de cavalaria medieval é, quase sem exceção, de posição social elevada e nobre de nascimento. Uma variante folclórica dêste tipo de personagem é o herói folclórico inglês Robin Hood. Em ambas as versões da novela, o herói vagueia pelo mundo em busca de aventuras; essa preocupação pela aventura, é, aliás, parte integrante de sua conduta, conforme um código de ação pré-estabelecido.

O pícaro, em contraste com a versão do herói das novelas de cavalaria e a do herói da novela folclórica, longe de ser um aristocrata, é geralmente de origem humilde, por vêzes até obscura; êle **não procura** aventuras, muito pelo contrário, tenta **sobreviver** a elas. O pícaro vê-se obrigado a defender-se como pode, muitas vêzes agindo contra as regras de conduta estabelecidas e respeitadas pela sociedade.

O herói medieval (como Lancelot) tem posição na sociedade; êle é aristocrata, ou por sua nobre estirpe, ou por ser cavaleiro. Todos o tratam por **Sir** Lancelot, título a êle conferido em virtude de ter passado por certas provas sociais e militares. E' relativamente rico; por herança, ou como recom-

pensa por importantes serviços prestados (de preferência por ambas as coisas), possui um castelo, pelo menos com as respectivas terras circunvizinhas. E' em geral forte e bem coordenado (como deve ser um bom soldado). Seu equipamento é de alto preço. Tem que ter propriedades, ou ser amparado por um senhor rico para poder custear os cavalos, os armamentos e o preparo que a cavalaria exige. O pícaro, tal como Huck Finn, tem quando muito uma posição social negativa. Se acidentalmente, como no caso de Huck, êle consegue por um tempo, posição privilegiada, logo se cansa dela ou o perde. O pícaro é plebeu por nascimento ou por degeneração. Huck, por exemplo, quando não é órfão, é filho de um bêbado. E' frágil, pequeno e pode ser dominado temporariamente por uma mulher — a viúva Douglas. O juiz Thatcher consegue roubá-lo, com o consentimento do próprio Huck; o pai maltrata-o até certo ponto. Como reconhecem todos os meninos, **ninguém** tem menor posição do que êles. Qualquer riqueza, qualquer posição que Huck consegue, só lhe traz dificuldades e por isso êle as abandona o mais depressa possível. A instrução que possui recebe-a da viúva Douglas (que representa no romance a "sociedade requintada") e é obrigado a rejeitá-la devido à coerção ciumenta do pai, ou por sua própria inclinação (como acontece no caso da doutrina religiosa Calvinista). O equipamento que por ventura use, êle o acha ou rouba. Como pícaro, como menino que é, Huck não é forte; portanto, ao contrário de um cavaleiro, é forçado a enganar e fugir, usando seus recursos mentais e julgando as possibilidades de uma situação qualquer.

Como Lanceloti, o herói da novela de cavalaria, o pícaro Huck é nômade. No entanto, êle não é um nômade **em busca** de dificuldades (i. é, aventuras), ao contrário, **procura fugir** delas.

Apesar do resultado (i. é, nomadismo) ser semelhante, as diferenças da origem e da conseqüência entre a **busca** e a **fuga** das aventuras, são consideráveis. Não obstante, é possível sugerir conexões paralelas entre a tradição da novela de cavalaria e a picaresca as quais se correspondem exatamente.

Por exemplo, Lancelot em “Chevalier de la Charrette” pratica “boas ações”, da mesma forma que Huck. Assim como Lancelot socorre um prisioneiro, também Huck evita que Jim seja capturado. Huck, como pícaro, também evita que os herdeiros de Wilkes sejam ludibriados, escondendo seu tesouro de **King** e de **Duke**. Tais feitos podem não ser tão gloriosamente heróicos, mas não deixam de ser admiráveis. Ações como estas têm, além disso, a característica de marotagens picarescas.

A burla usada pelo pícaro substitui o combate físico do herói. Sendo fisicamente fraco, destituído de treino e de armas, o pícaro ataca seu inimigo através da artimanha. De certa maneira, a burla do pícaro é a boa ação do cavaleiro virada às avessas. As artimanhas de Huck são especialmente interessantes, porque usa três tipos distintos. O primeiro tipo de artimanha é aquêlo pôsto em prática com o propósito um tanto cruel, de divertir-se permitindo que se sinta superior à pessoa em quem pregou a peça. Quando Huck põe uma cascavel morta na cama de Jim está praticando uma travessura dessa natureza. Huck aprende, então, que essas maldades podem ter sérias conseqüências, que não têm graça nenhuma. (Jim é mordido pelo companheiro da cobra).

E' curioso notar que Huck desiste dessas diabruras no começo do livro. A segunda espécie de travessura, como a preparada por Huck para sugerir que fôra assassinado, tem a finalidade de salvá-lo de uma encrenca. O terceiro tipo de artimanha que Huck pratica, é aquêlo que é quase uma **boa ação**, como no caso em que Huck pinta o rosto de Jim com manchas azuis, colocando um cartaz no barco prevenindo da presença a bordo de um “mouro doente”.

Nesse caso, como naquele em que Huck esconde o saco de ouro no caixão do Peter Wilkes, o motivo da travessura é essencialmente moral — no primeiro exemplo para proteger uma pessoa em perigo, no segundo para proteger a inocência, burlando a fraude.

De certo modo, Huck e Jim juntos formam uma dupla picaresca — o menino e o escravo foragido representam os dois

tipos de indivíduos que na sociedade do Sul têm a posição mais insignificante, o menor número de direitos humanos, enfim, as melhores razões para resolverem seus problemas de forma picaresca. A fuga de Jim e a de Huck são semelhantes, pois ambos fogem da respeitável moralidade de uma pequena cidade do Sul, que prega a doutrina Calvinista do pecado e do mal, enquanto permite a venda e a posse de seres humanos como propriedade. A fuga de Huck para longe do pai é feita por simples precaução. Huck teme que o velho o mate durante um ataque de **delirium tremens**. Da mesma maneira, a fuga de Jim é uma precaução contra os rumores de sua venda que o separará de sua mulher.

Ao contrário do herói medieval que vive sob um código, que reúne tôdas as virtudes militares, tais como fôrça, coragem, lealdade incontestável, decência, cuja palavra de honra é inviolável, Huck como pícaro, não é forte; não é particularmente corajoso ou leal, a não ser quando a situação exige uma demonstração de coragem ou lealdade. Sempre que possível evita brigar. Honra seu pai e a propriedade particular somente quando considera essa atitude justificável. Como pícaro Huck mente para sair de dificuldades, mas êle sabe que o está fazendo e é suficientemente honesto para admitir que está “espichando” a verdade. Se engana a outrem, pelo menos não engana a si mesmo. De uma maneira um tanto curiosa e estranha, Huck é de uma lealdade superior à do herói da novela medieval. E’ leal a Jim, aos herdeiros de Wilke, sem nunca lhes ter prestado juramento de lealdade. Sendo espontânea, sua lealdade supera a do herói da novela de cavalaria.

Assim como êste, vivendo de acôrdo com um código de honra estabelecido, apóia através de sua conduta exemplar a sociedade que promulga êsse código, também o pícaro Huck, como anti-herói, por sua maneira de agir, sugere críticas à sociedade e a suas regras. A fuga é em si uma forma severa de crítica.

Consideremos pois quais algumas das coisas de que Huck tenta fugir. Não foge precisamente da viúva Douglas, pois é forçado a fazê-lo pelo pai. Mas deixa-a sem grande remorso.

Desde que possa sair à noite, Huck estudará a Bíblia, irá para a escola, comportar-se-á e vestir-se-á bem. Porém, não pretende voltar para a casa da viúva Douglas, nem mesmo no fim do livro quando sabe que seu pai morreu e não mais poderá ameaçá-lo por tornar-se “civilizado”. A fuga de Huck para longe do pai, é, por outro lado, um simples caso de auto-preservação. Pelo mesmo motivo, Huck e Jim fogem de **King** e de **Duke**. Essas são personagens particularmente interessantes porque representam quase um cruzamento entre o Tom Sawyer do “Mouro da Emboscada” e o pai de Huck. Empregam as mesmas fantasias romanescas que Tom, fantasias essas que acompanham o modo de viver medieval, mas para atingir os fins ignóbeis, nada medievais do Pap Finn — isto é, arranjar dinheiro. É curioso também considerar que o Coronel Sherburn como indivíduo e os Grangerfords e Shepherdsons como famílias rivais, não são mais admiráveis que o King e o Duke. Apesar dêsses aristocratas rurais parecerem manter seus desígnios relativamente “puros”, i. é, isentos da preocupação de ganhar dinheiro por meios ilegais, demonstram a barbaridade inerente de seu “código de cavalheiros”. O coronel ferindo o bêbado Boggs, simplesmente porque havia jurado fazê-lo, defende sua honra a contento, mas ao fazê-lo compromete **tôda a concepção de honra**. (O conceito de justiça do “frontier” como demonstrado pela multidão ao vingar Boggs não se sai muito melhor; fracassa na presença da simples coragem, sem considerar quão vil é a honra defendida por tal coragem). A rivalidade, entre os Shepherdsons e os Grangerfords, especialmente a perseguição e assassinio de Buck Grangerford, mostram a Huck as conseqüências trágicamente ridículas de uma opinião exagerada sôbre honra.

Huck, naturalmente não foge de Tom Sawyer; admira-o abertamente. No entanto uma apreciação das relações entre as duas personagens, sugere-nos uma crítica a Tom ou pelo menos a algo que Tom representa. Tom, como protótipo do menino do Sul, pode estar para Huck, como o herói da novela medieval para o pícaro, se nossa hipótese estiver correta. Tom **corresponde** ao molde do herói medieval: tem posição na socie-

dade perante os olhos dos outros meninos e meninas ou dos adultos da comunidade. E' rico — guarda bem os seus seis mil dólares. E' valente e desembaraçado. Virá a ser um membro bem sucedido e respeitado na comunidade quando crescer, mas apesar disso, sugerimos que Tom funciona como uma espécie de contraste à personagem do pícaro representada por Huck. Em sua infantilidade, Tom apresenta as mesmas fraquezas do conceito romântico representado pelo herói da novela de cavalaria. Ele não mata como o coronel Sherburn, mas cria uma porção de dificuldades.

Dois incidentes que ora expomos sugerem crítica a Tom e ao que êle representa: “O Mouro da Emboscada” e “O Homem da Máscara de Ferro”, os modelos seguidos por êle no salvamento de Jim. No comêço do livro Tom, como líder de um grupo de meninos do qual Huck faz parte, planeja e executa um ataque a “um bando” de “Mercadores Espanhóis” e “Arabes Ricos”, acampados na caverna Hollow. Quando Huck protesta dizendo que o grupo havia sômente assaltado alunos em um pique-nique da Escola Dominical, Tom responde que (como todo o leitor de Dom Quixote sabe) a ilusão do pique-nique era resultado de mágica transformação. Qualquer que seja a “ilusão” usada por Tom nessa “aventura”, o caso é que se nota uma grande semelhança entre o assalto que Tom organiza contra um grupo de meninos de seis anos e o episódio do Coronel Sherburn que mata um bêbado indefeso.

A libertação de Jim largamente elaborada e ineficaz (quase no fim do livro) e a libertação imaginativa e eficaz de si mesmo empreendida por Huck (no comêço do livro), oferecem-nos uma prova da diferença entre Tom e Huck no que diz respeito às ações e maneiras de encarar a vida.

As ações de Tom encaradas realisticamente, tendem a ser irrelevantes e ineficazes. Jim já está legalmente livre e Tom sabe disso. Jim é recapturado; Huck escapa ileso. A salvação de Jim é totalmente desnecessária. A fuga de Huck é importante para a sua sobrevivência. Para salvar Jim, Tom causou muita tortura e desconforto. Quaisquer que sejam as inconveniências causadas por Huck, **seguem-se** a sua fuga e são

conseqüência lógica da mesma. O desconforto de Jim é um prólogo romântico e ilógico de uma fuga que não dá resultado. A idéia de fuga de Tom é essencialmente fantástica e alusiva no sentido “literário”, romântico da palavra. A fuga de Huck é, sem dúvida, real e envolve, ao contrário, aquela minúcia de detalhes científicos que fazem de Puddnhead Wilson, uma das personagens de Mark Twain (e uma espécie de Huck Finn adulto), um dos mais eminentes detetives amadores da ficção norte-americana.

As fantasias de Tom, incluindo suas mentiras e suas razões para roubar, ocorrem-lhe por sua alusão medievalsca ou pelo propósito de sugerir aventuras que o elevarão no conceito dos outros. As fantasias que Huck cria, têm o propósito de livrar e evitar dificuldades não só a si próprio mas também aos outros. Ele rouba pelas mesmas razões.

Tom parece, na análise final, um pouco tólo e perigoso (i. é, não realista); é uma versão infantil do papel de Ahab sugerido por Melville em sua obra “**Moby Dick**”. Melville insinua que há algo de traiçoeiro, orgulhoso e desonesto em qualquer herói, por mais puros que sejam os seus motivos.

Huck por outro lado, parece destinado a desempenhar o papel de pícaro, como possivelmente todos os pícaros, porque êle é uma pessoa essencialmente honesta num mundo desonesto. Ele está, de certo modo, irônicamente destinado a desempenhar o papel de pícaro porque é uma pessoa estritamente moral. Huck é um pícaro então, por razões que são consistentes com os outros trabalhos de Mark Twain, tais como: “**The Men that Corrupted Hadleyburg**” e “**Puddnhead Wilson**”; i. é, porque Huck é uma pessoa essencialmente honesta e moral, que é obrigado a viver num mundo “respeitável”, o que quer dizer um mundo fundamentalmente desonesto e imoral.